

O Muro de Berlim: símbolo maior da Guerra Fria

The Berlin Wall: largest symbol of the Cold War

Charles Sidarta Machado Domingos

Doutor em História
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul-rio-grandense
csmd@terra.com.br

Laura Martins de Lima

Discente no Curso Técnico Integrado de Mecatrônica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul-rio-grandense
lauraamartins23@gmail.com

Rafaela Gulgelmin Collovini

Discente no Curso Técnico Integrado de Mecatrônica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul-rio-grandense
rafaela.collovini@icloud.com

Recebido em: 28/10/2019

Aprovado em: 06/12/2019

Resumo: Em 2019, a queda do Muro de Berlim completa seu 30º aniversário. Não obstante, a carência de análises sobre o posicionamento brasileiro perante os fatos do maior palco de competição entre as duas potências – Berlim – mostrou-nos a importância da produção de conhecimento que outrora englobou de forma representativa os conflitos pertinentes à Guerra Fria. A pesquisa teve enfoque na maneira com que a divisão alemã influenciou uma sociedade que assistia atônita à luta pela conquista hegemônica mundial entre dois blocos antagônicos e com políticas extremamente divergentes. Tomando os periódicos como fonte principal de pesquisa, especificamente a *Folha de São Paulo* e o *Jornal do Brasil*, visamos obter contato direto com as sociedades que enfrentavam conflitos internos e externos simultaneamente – tanto nas Alemanhas quanto no Brasil.

Palavras-chave: Muro de Berlim; Guerra Fria; História e Imprensa.

Abstract: In 2019, the fall of the Berlin Wall completes its 30th anniversary. However, the lack of analysis about the Brazilian position on the greater battlefield between the two powers – Berlin – showed us the importance of the production of knowledge that once encompassed in a representative way the conflicts related to the Cold War. This research focused on the way the German division influenced a society that was watching astonished the fight for the worldwide hegemonic conquest between two antagonistic economic blocs which had extremely divergent policies. Taking journals as the main source of research, specifically *Folha de São Paulo* and *Jornal do Brasil*, we aimed to keep in close contact with societies that faced simultaneously internal and external conflicts – both in Germany and in Brazil.

Keywords: Berlin Wall; Cold War; History and Press.

Introdução – Tempos de Guerra Fria

No verão de 1961, quando a Guerra Fria adentrava seus dias mais quentes, Berlim amanhecia dividida com a Cortina de Ferro imposta sobre si. O arame farpado, que podia ser visto por qualquer berlinense que tentasse cruzar a fronteira entre a República Democrática Alemã (RDA) e a República Federal da Alemanha (RFA), agora separava não só relações políticas e diplomáticas mas também sociais. A cidade se encontrava dividida assim como o restante do mundo.

A divisão física denominada mundialmente como Muro de Berlim, e vista aos olhos ocidentais como "Muro da Vergonha", marcou tempos de divergência no âmbito econômico-social, quando duas grandes potências lutavam por sua hegemonia perante o restante do mundo. A construção do Muro nada mais foi que uma representação da ideia de "conflito ideológico", onde havia ausência de confrontos bélicos primeiro-mundistas, pois este foi construído com o intuito de obstruir a migração do lado Oriental (socialista) – insatisfeito com sua economia – para o lado Ocidental (capitalista) – que tentava os habitantes orientais com seu progresso econômico. A partir disso, o ambicioso fragmento oriental da Alemanha não via outra maneira de estancar a hemorragia imigratória a não ser por meio de medidas drásticas que, claramente, descontentavam a população já saturada da RDA.

Construído nos tempos de apogeu e triunfo da União Soviética – num contexto em que os estadunidenses se desfaziam de seu predomínio hegemônico existente desde o início do confronto – o Muro de Berlim, então, fez parte do cenário mundial e da Guerra Fria por quase três décadas, separando dois setores totalmente antagônicos. Foram as insatisfações sociais do oriente juntamente das manifestações, protestos e das diversas tentativas de fuga somadas, ainda, com a crise econômica interna de uma RDA que, com seus dias contados, acompanhava a prosperidade econômica e o padrão de vida crescente de sua vizinha, RFA, levaram à queda do grande ponto crucial da estratégia soviética, o que mostrava o início do processo do evidente colapso que viria a assombrar os dias da URSS.

Muitos dos estudantes e até mesmo historiadores deixam passar despercebido as mudanças políticas e econômicas, tensões e manifestos sociais consequentes da construção, bem como a forma com que a queda influenciou na desagregação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, no enfraquecimento do socialismo, no fim da bipolaridade mundial e, principalmente, na reunificação da Alemanha, onde o lado Oriental foi absorvido pelo lado Ocidental. A partir

disso, foi tomado como objetivo compreender como a imprensa brasileira retratou as tensões relativas ao Muro de Berlim, analisando as principais mudanças ocorridas tanto no cenário da Guerra Fria quanto para a sociedade alemã.

A Guerra Fria teve, entre seus elementos mais consideráveis, a oposição entre duas formações econômico-sociais: o capitalismo e o socialismo. Praticamente em toda a segunda metade do século XX, as disputas entre os blocos capitalista e socialista deram a tônica da vida social. O fenômeno histórico conhecido por Guerra Fria pautou a relação entre os países do globo, mesmo àqueles que contestavam essa nova ordem internacional como, por exemplo, o Egito, a Indonésia, a Jugoslávia, que almejavam novos espaços de relação política entre as nações.

Ao longo do tempo, de acordo com Fred Halliday, os estudiosos de Relações Internacionais tem tido certa “relutância em analisar o fenômeno em termos teóricos” (HALLIDAY, 2007, p. 71). Não seria exagero apontar que os historiadores também apresentam essa dificuldade, o que pode ser depreendido da leitura de obras sobre a Guerra Fria. Embora estabelecer uma leitura teórica da Guerra Fria não seja a preocupação central de nossa tese, faremos uma breve incursão pelo tema para, ao menos, situar o leitor sobre nosso entendimento do fenômeno Guerra Fria.

Procurando solucionar essa deficiência, Halliday¹ se preocupa em destrinchar as quatro abordagens consideradas por ele como mais importantes: a realista, a subjetivista, a internalista e a intersistêmica. (HALLIDAY, 2007, p. 189)

O autor aponta que a abordagem realista entende a Guerra Fria como uma continuação do conflito, mesmo que com novas características como “as armas nucleares, a corrida armamentista e a rivalidade ideológica entre o capitalismo-comunismo” (HALLIDAY, 2007, p. 189). Desse modo, a abordagem realista não poderia dar conta da complexidade que o mundo de pós-guerra traz para a análise meticulosa da situação.

A perspectiva subjetivista preconiza o papel desempenhado pelos atores diretamente

¹ Além dessa organização proposta por Halliday, Sidnei Munhoz estabelece as seguintes abordagens: ortodoxia norte-americana (também conhecida como tradicionalista) e que culpa a URSS pela Guerra Fria; a história oficial ou ortodoxia soviética, que vê as origens do conflito e sua permanência no imperialismo estadunidense; o revisionismo, que contesta a ortodoxia norte-americana, vendo a Guerra Fria a partir das determinações internas dos EUA; o pós-revisionismo, sendo entendido como a reatualização, sob vestes acadêmicas, da ortodoxia norte-americana; e o corporatismo, que entende a política externa como profundamente influenciada pela política interna nos EUA. (MUNHOZ, 2004, p. 264-268) Após destacar essas “escolas”, Munhoz declara que “devo ainda mencionar, além do já exposto, o inovador trabalho de Fred Halliday” (MUNHOZ, 2004, p. 268). Em razão disso, trabalharemos no corpo do texto de nossa tese com as abordagens demonstradas por Fred Halliday e não com as abordagens propostas por Munhoz.

envolvidos na formulação das políticas externas, sejam esses atores individuais (políticos) ou coletivos (opinião pública). O eixo central dessa “escola” está calcado na percepção, seja ela correta ou equivocada, do contexto internacional através da informação, pois “o conflito poderia ter sido evitado se somente cada um dos lados tivesse sido melhor informado sobre o outro” (HALLIDAY, 2007, p. 190). A abordagem subjetivista necessita, desse modo, de grande argúcia do analista bem como de informações precisas. Esquece-se, no entanto, que um fenômeno como a Guerra Fria se alimenta justamente da ocultação das melhores informações.

Para Fred Halliday a abordagem internalista destaca a “dinâmica da Guerra Fria dentro, ao invés de entre, dos blocos contendores” (HALLIDAY, 2007, p. 190). Assim, a Guerra Fria seria uma necessidade para as duas formações econômico-sociais, pois justificaria uma série de medidas tomadas com objetivos internos sob uma camuflagem externa. Entender a Guerra Fria a partir dessa visão internalista oculta as diferenças entre as formações econômico-sociais, pois restringe o olhar apenas para o teatro doméstico, prejudicando a comparação entre os produtos das duas realidades.

A “escola” intersistêmica, por sua vez, entende a Guerra Fria como uma disputa entre duas formações econômico-sociais distintas. Através da análise dos pronunciamentos e das práticas dos atores privilegiados do sistema é possível verificar o estatuto de competição que existia entre as duas superpotências, cada qual querendo afirmar-se como mais universalista.

Embora seja uma corrente muito forte entre os estudos de Relações Internacionais,² a abordagem realista não parece dar conta do fenômeno Guerra Fria por não entendê-lo a partir de suas especificidades plenas. Ao não distingui-la do período entre-guerras ou mesmo do pós-Guerra Fria, o realismo perde o componente de historicidade para analisar as relações entre os Estados. A mesma falta de densidade se aplica ao paradigma subjetivista, pois há um forte componente de idealismo presente, obstaculizando o entendimento das condições herdadas do passado em sua análise.

A disputa na forma de entender a Guerra Fria se acirra entre as abordagens internalista e intersistêmica, também conhecidas, respectivamente, como sistema e conflito. Dentre os autores que melhor representam os dois paradigmas, fizemos a opção de trabalharmos com Noam Chomsky e Fred Halliday em razão de fazerem parte de um mesmo arcabouço teórico, o

² Para além do próprio Halliday, ver o ensaio de GONÇALVES, 2004.

marxista, e pelo alcance de suas reflexões perante a Academia.³

Os argumentos expostos aqui, representativos da abordagem internalista e da abordagem intersistêmica, tem a finalidade de exemplificar as diferentes leituras feitas sobre a Guerra Fria para, em seguida, esclarecer ao leitor nossa orientação teórica sobre a questão.

Noam Chomsky demonstra, em seus estudos, uma crítica intensa aos Estados Unidos e à União Soviética nos quadros da Guerra Fria. Para o autor, que vive e produz em solo estadunidense, tanto seu país quanto a URSS obtiveram vantagens no clamor ideológico da Guerra Fria:

O fato básico e crucial, que nunca é demais repetir, é que o **sistema** da Guerra Fria é altamente funcional para as superpotências, e é por isso que ele persiste, apesar da probabilidade de mútua aniquilação no caso de uma falha acidental, que ocorrerá mais cedo ou mais tarde (CHOMSKY, 1985, p. 190 – Grifos nossos).

Seria mais realista considerar o **sistema** da Guerra Fria como uma macabra dança da morte na qual os governantes das superpotências mobilizam suas populações em apoio a medidas severas e brutais contra as vítimas no interior daqueles que consideram seus respectivos domínios, onde estão “protegendo seus legítimos interesses”. Com esta finalidade, o recurso à suposta ameaça do poderoso inimigo global tem-se verificado dos mais úteis. Neste sentido, a Guerra Fria revelou-se altamente funcional para as superpotências, sendo este um dos motivos pelos quais persiste, não obstante a perspectiva de dizimação recíproca se o **sistema** sair dos trilhos, o que provavelmente acontecerá mais cedo ou mais tarde (CHOMSKY, 2007, p. 321-322 – Grifos nossos).

Percebe-se que, para o autor, tanto EUA quanto URSS utilizam-se da retórica apocalíptica da Guerra Fria para defender/expandir os interesses mais prementes de seus governantes. Não há maiores críticas a esse respeito. Todavia, nos parece que Chomsky, ao associar diretamente os governantes das superpotências com o papel de cada sistema econômico-social, limita em muito os aspectos ideológicos de cada superpotência. A nosso ver, embora sua crítica não seja desvalida de conteúdo histórico, ela coloca no mesmo nível as duas concepções de mundo em disputa no período conhecido como Guerra Fria, ocultando, assim, elementos significativos de análise.

Fred Halliday, talvez, seja a maior expressão do paradigma intersistêmico. O autor demonstra que há diferenças entre as duas formações econômico-sociais, logo, elas não buscavam os mesmos objetivos. Ao enfatizar que o capitalismo existe e faz parte das características de uma das formações econômico-sociais, embora os teóricos da Guerra Fria

³ Dentro desses mesmos critérios, poderíamos ter também escolhido Edward Thompson e Eric Hobsbawm. Não o fizemos em razão de estarmos mais convencidos dos argumentos de Chomsky e Halliday enquanto leitura “de fundo” da Guerra Fria, em específico.

obscureçam esse fato, Halliday consegue fortalecer sua tese de que há diferenças fundamentais entre EUA e URSS. (HALLIDAY, 2007, p. 195) Logo, fica patente que o conflito entre Estados Unidos e União Soviética existe e molda as relações internas e externas:

*Enquanto os dois sistemas distintos existiram, o **conflito** da Guerra Fria estava destinado a continuar: a Guerra Fria não poderia terminar com o compromisso ou a convergência, mas somente com a prevalência de um destes sistemas sobre o outro. Somente quanto o capitalismo prevalecesse sobre o comunismo, ou vice-versa, o conflito intersistêmico se encerraria (HALLIDAY, 2007, p. 192 – Grifos nossos).*

Despojado de suas referências específicas aos EUA [George Kennan], e de seu tom vanglorioso, isto apresentou um programa claro para a conduta de um **conflito** intersistêmico, baseado, acima de tudo, na competição entre dois sistemas e no objetivo, não da paz ou do compromisso, mas de finalmente prevalecer sobre o outro. O que é impressionante é como esta formulação, explicitada em uma das afirmações estratégicas clássicas da Guerra Fria, encontrou tão pouca reflexão na teoria das RI ou em subseqüentes reflexões sobre o caráter essencial do conflito (HALLIDAY, 2007, p. 194 – Grifos nossos).

A experiência histórica provou que Halliday estava correto. A Guerra Fria terminou – embora a data de término seja passível de debates, como veremos a seguir – tendo tido um vencedor e um derrotado. No entanto, cabe o registro de que quando Noam Chomsky escreveu os dois textos utilizados aqui, havia muitas indefinições quanto ao futuro da Guerra Fria. Ao passo de quando Fred Halliday escreveu seu livro a Guerra Fria já estava encerrada e os Estados Unidos eram a potência hegemônica no sistema internacional.

“Há um Muro de Berlim, dentro de mim, tudo se divide, todos se separam”

Para fins desse artigo, além das referências bibliográficas, utilizamos os jornais – especificamente, o Jornal do Brasil e a Folha de São Paulo – como fonte primária de pesquisa, em busca de adentrar às formas com que a imprensa e a sociedade brasileira se posicionaram diante das divergências político-econômicas estabelecidas em parâmetros mundiais, marcadas, principalmente, pela divisão física e geográfica que fora o Muro de Berlim. A partir disso, realizamos a leitura do texto de Tania Regina de Luca com o intuito de nos familiarizarmos com o uso dos jornais brasileiros para fins de pesquisas acadêmicas.

Inicialmente, os jornais e periódicos pouco eram utilizados para meios acadêmicos e diversos eram os fatores que justificavam tal desuso, sendo o principal a censura e repressão vindas do regime socialista recebidas pela forte influência da ditadura militar brasileira sobre os mais diversos meios de comunicação existentes na época. Por muitos anos, a sociedade deixara

de acreditar em diversas notícias devido ao regime militar que, por sua vez, censurava e manipulava todo e qualquer meio de comunicação, desde a televisão e o rádio às músicas, livros e jornais produzidos na época. Sem contar o fato de que o regime ditatorial e alienador sempre pendiam para o lado que o favorecia, ou seja, reprimia todo e qualquer meio de oposição, como traz Tania Regina:

Não há como deixar de lado o espectro da censura. Em vários momentos, a imprensa foi silenciada, ainda que por vezes sua própria voz tenha colaborado para criar as condições que levaram ao amordaçamento. O papel desempenhado por jornais e revistas em regimes autoritários, como o Estado Novo e a ditadura militar, seja na condição de difusor de propaganda política favorável ao regime ou espaço que abrigou formas sutis de contestação, resistência e mesmo projetos alternativos, tem encontrado eco nas preocupações contemporâneas, inspiradas na renovação da abordagem do político (Capelato apud LUCA, 2005, p. 129).

Outro ponto que deixa ainda mais evidente a insegurança da sociedade em relação às notícias da época é o fato de que as pessoas "tomavam a imprensa como instância subordinada às classes dominantes, mera caixa de ressonância de valores, interesses e discursos ideológicos" (LUCA, 2005, p. 116), ou seja, a imprensa satisfazia as vontades das camadas mais elevadas e com maior poder aquisitivo, podendo, assim, manipular ainda mais uma sociedade já extremamente alienada.

Já na década de 1990, após a segunda redemocratização do Brasil dada pelo fim do Regime Militar, a publicidade e propaganda brasileira finalmente atingiram seu apogeu - dando início a época que ficou conhecida como a dos "tempos eufóricos" na imprensa brasileira. Nesse contexto, a indústria cultural ganhou forte destaque entre a sociedade, onde as revistas, que apresentavam um conteúdo amplo e diversificado – o que ganhou popularidade imediata na época – bem como os jornais, juntamente da tecnologia emergente, dentre diversos outros meios, se destacaram como principais fontes de informação. Foi então que os jornais adquiriram espaço tanto no cotidiano da população que busca, até hoje, por informações instantâneas quanto para análise com finalidades acadêmicas – como realizadas neste artigo.

O estudo por meio dos periódicos traz consigo o questionamento do porquê tornar-se notícia, pois, para que haja tamanha repercussão, o acontecimento tende a ser significativo. Visando esse aspecto, utilizamos das pesquisas para compreender o impacto causado na sociedade alemã que se encontrara segmentada, os manifestos ocorridos, a luta em prol de sua queda, a migração desenfreada ocorrida antes e após a queda, assim como a ligação direta que este

evento teve com a posterior desagregação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. A partir do texto de Tania Regina de Luca, buscamos em fontes locais a repercussão da importância do Muro de Berlim, escolhendo, especificamente, o Jornal do Brasil e a Folha de São Paulo, a fim de compreender a influência do papel deste acontecimento tanto no cenário interno de Berlim quanto para o cenário mundial diante do conturbado conflito ideológico que se intensificara de forma significativa. O uso dos jornais abrange a curiosidade por trás da forma com que as notícias dos conflitos externos eram projetadas aos olhos de brasileiros cegados pela censura militar, que outrora fora a principal fonte de informação.

Enquanto o mundo se despedia daquele que fora o holocausto do século XX, marcado por um horripilante cenário de dor e ultimado pelo horror nuclear, era acolhido de braços abertos por um novo conflito ideológico conhecido por sua divisão político-econômica - a Guerra Fria.

Há quem considere seu início marcado no pós-Primeira Guerra Mundial, em 1922, com a fundação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que já se mostrava como o maior bloco de ameaça aos Estados Unidos desde a Guerra Civil Russa, iniciada em 1918, onde os EUA obtiveram uma tentativa falha de intervenção militar na mesma, tendo como resposta o bloqueio econômico-diplomático conhecido como *Cordon Sanitaire*. Há também quem considere que a Guerra Fria teve seu início no período pós-Segunda Guerra Mundial, mais precisamente após os atentados nucleares a Hiroshima e Nagasaki - que serviram como mera demonstração de poder dos EUA sobre a URSS com o intuito de limitar a divisão territorial estabelecida nos acordos de Yalta apenas à Europa.

O general Groves, responsável pelo projeto Manhattan (produção da bomba A), afirmou em 1942 - em plena vigência da aliança EUA-URSS - que esta seria uma importante arma contra a União Soviética! No mesmo ano, Churchill elaborou seu *Memorandum Secreto*, onde afirmou que, assim que o Eixo deixasse de construir uma ameaça, os aliados anglo-saxões deveriam considerar que a URSS era o *verdadeiro inimigo* (VIZENTINI, 2003, p. 199).

A verdadeira hegemonia norte-americana foi exposta ao fim da Segunda Guerra, pois além de fornecer recursos básicos para a reconstrução de uma Europa devastada pelo conflito, obteve grandes avanços militares e tecnológicos. Além disso, a fundação da Organização das Nações Unidas, em 24 de outubro de 1945, fortaleceu o capitalismo internacional, favorecendo ainda mais a posição dos EUA. Contudo, havia um forte temor pela reestruturação industrial europeia, fazendo com que o governo capitalista pressionasse Truman, responsável pelo poder executivo, a tomar medidas ainda mais rigorosas em relação ao bloco opositor. Assim, foi

implantada a Doutrina Truman (em março de 1947), que consistia no auxílio financeiro com o intuito de conquistar aliados e adeptos ao regime capitalista, além de buscar conter a propagação do socialismo stalinista – o que cabe, também, como uma proposta plausível ao verdadeiro começo da nova Guerra.

Após a inserção da Doutrina Truman, como um ato de instigação à Guerra, o serviço de inteligência governamental se tornou a chave para o desencadeamento do conflito, onde os planos e medidas se tornaram a principal estratégia para debilitar os avanços do bloco adversário. Em julho do mesmo ano, foi elaborado o Plano Marshall, que serviu como um aperfeiçoamento do plano antecedente. O mesmo consistia em empréstimos com juros a baixo valor, com o intuito de venda de mercadorias ao povo europeu. Foi com essa ação, considerada como apoderação econômica pelos soviéticos, que a abstenção do lado oriental tornou-se significativamente forte e reforçou os atritos de ambos perante o conflito. Ao tentar implantar o Plano Marshall sobre a Checoslováquia, o bloco capitalista foi surpreendido pela recusa de Praga, o que, com auxílio da URSS, acarretou na deposição dos conservadores que obtinham alto poder governamental, consolidando-se, assim, o Golpe de Praga. A partir deste ponto, o socialismo era finalmente instaurado em toda a Zona Soviética, intensificando totalmente a divisão geopolítica da Europa.

Com a Europa politicamente dividida em dois blocos econômicos extremamente divergentes entre si, os Estados Unidos, juntamente com a França e a Grã-Bretanha, implantaram a nova moeda comercial - conhecida como Marco Alemão. A formação da nova moeda criada pelo regime capitalista desvalorizou o fluxo do comércio socialista, feito a partir da antiga moeda alemã – o Reichsmark. Em meio ao cenário de déficit econômico oriental, Stalin viu-se forçado a tomar medidas drásticas relacionadas às zonas fronteiriças entre Berlim Ocidental e Berlim Oriental e ordenou, então, que os limites terrestres que interligavam a cidade dividida fossem imediatamente bloqueados. Ele acreditava que assim obteria domínio sobre ambas as partes de uma Alemanha segmentada e, ainda, restabelecer o equilíbrio na balança comercial, além de livrar-se do capitalismo, que era o principal empecilho para a ascensão do socialismo em parâmetros mundiais.

O temor capitalista pela perda territorial assombrava o governo de Truman, pois os EUA já houveram exposto seu interesse em todo e qualquer território que se opusesse a seu regime. Assim que os níveis de escassez de recursos básicos se tornaram alarmantes, o que dava má

imagem ao bloco que se denominava superior em padrões de qualidade de vida, providências imediatas tiveram de ser tomadas a respeito do bloqueio para que se mantivesse o *status quo* norte-americano. Com o auxílio de William H. Tunner, o general Albert Wedemeyer, em 1949, recriou a ponte aérea - que outrora serviu como parte fundamental para o abastecimento da China na Segunda Guerra - com o intuito de fornecer suprimentos variados ao lado ocidental de Berlim. Durante aproximadamente 300 dias a ponte aérea tornou-se o único meio de acesso estrangeiro para a cidade. Foi a partir do Bloqueio Aéreo de Berlim que as tensões entre as áreas de influência socialista e capitalista começaram a se acirrar.

Em 11 de maio de 1949, o fim do Bloqueio Aéreo acarretou no acordo que permitiria o acesso fixo e perdurável capitalista a Berlim, como uma forma de prevenção a outro futuro bloqueio similar. A consequência de tal acordo foi a fundação da República Federal Alemã, em 23 de maio de 1949, tendo sua capital em Bonn e, ainda, mantendo e aprofundando o controle militar dos Estados Unidos sobre sua área. Em contrapartida, a União Soviética, ainda no mesmo mês, em 30 de maio de 1949, fundou a Constituição da República Democrática Alemã, que viria a ser fundada oficialmente em 7 de outubro de 1949, com sua capital em Berlim. Ademais, o bloqueio, anos após, acarretou na eclosão de diversos conflitos terceiro-mundistas, onde a interferência dos dois grandes blocos econômicos se tornou significativa para seus respectivos desfechos. No mesmo ano, a União Soviética obteve êxito no lançamento de sua primeira bomba atômica.

A situação de Berlim ou até mesmo a Guerra Fria poderiam ter tido seus dias contados em 1952, quando Stalin enviou uma proposta de reunificação alemã a Adenauer, que foi imediatamente recusada. A condição era que houvesse eleições livres e uma única Alemanha, retirando toda e qualquer aliança militar. Desejara também que o Ocidente renunciasse a antigos territórios da Prússia. No mesmo ano, os Estados Unidos obtiveram êxito em seu primeiro teste com a bomba de hidrogênio. Já em 1953, com a morte de Stalin, Khrushchóv tomou a frente da União Soviética e, em 1955, devido ao temor pelo rearmamento da RFA, assinou um tratado de cooperação e aliança militar mútua com os demais países socialistas da Europa - o chamado Pacto de Varsóvia. Em 1957, a Corrida Espacial teve seu marco inicial dado a partir do lançamento do satélite artificial *Sputnik 1* pelos soviéticos, a 4 de outubro. Em contrapartida, os Estados Unidos, em 31 de janeiro de 1958, lançaram seu primeiro satélite - o *Explorer 1* e, em seguida, fundaram a NASA (Administração Nacional Aeronáutica e Espacial), a 1º de outubro. Em 1959, eclodiu a Revolução Cubana, apoiada diretamente pela União Soviética.

Em 1961, o cenário da Guerra Fria mudava drasticamente. O tão contemplado bloco capitalista tropeçara sobre os próprios pés. Três meses após a posse de John F. Kennedy, o fracasso na Baía dos Porcos somado ao recente êxito obtido pelo lado soviético no lançamento do primeiro homem ao espaço deixaram explícitas as formas com que o equilíbrio da Guerra se sucederia. Além disso, em agosto do mesmo ano, o Presidente do Conselho de Estado da República Democrática Alemã, Walter Ulbricht, com apoio do Kremlin, ordenou que as fronteiras entre Berlim Oriental e Berlim Ocidental fossem fechadas por tempo indeterminado. Por mais de 20 anos, o Muro de Berlim desempenhou seu papel na divisão física de Berlim e, simbolicamente, do mundo inteiro.

O ano de 1962 fez-se de dois pontos: a intensa tensão entre as duas superpotências gerada a partir da Crise dos Mísseis em Cuba foi sucedida pelo período conhecido como *détente*, onde os dois blocos econômicos desfrutaram de um longo período de pacifismo – ou uma segunda coexistência pacífica - que permaneceu até quase o fim da Guerra. Em 1964, por meio de desavenças internas de seus aliados dentro de seu próprio partido e até mesmo por acusações de má administração política e econômica, Khrushchóv foi deposto de seu cargo. Leonid Brejnev, então, assumiu o cargo de Secretário-Geral da União Soviética.

Os Estados Unidos, ao fim da década de 1960, recuperaram seu prestígio global ao enviar o primeiro homem à Lua. Já em 1975, o império capitalista decaiu. Chegara ao fim o maior conflito bélico simultâneo à guerra uma vez considerada ideológica. Ultimada a duradoura Guerra do Vietnã, os Estados Unidos mais uma vez demonstraram fraqueza. A derrota do vangloriado bloco capitalista gerou um profundo sentimento de derrota a todos os aliados estadunidenses, o que ficou conhecido como Síndrome do Vietnã.

Nos anos que se sucederam, as crises internas da URSS eram cada vez mais alarmantes. Os soviéticos não poderiam ficar um passo atrás no plano internacional e este foi, então, o grande deslize para sua derrota. A corrupção e a falta de suprimentos básicos para abastecimento da população e a descrença no socialismo juntamente de uma crise econômica que se agravava profunda e aceleradamente deixavam o colapso da União cada vez mais próximo. Em 1986, o desastre nuclear de Chernobyl deixou ainda mais evidente a fraqueza socialista, mostrando, também, que os dias da União Soviética estavam definitivamente contados.

No mesmo ano, como uma forma desesperada por reconstrução e ajustes no modo econômico-social com o intuito de restaurar os padrões de sucesso obtidos no início do conflito,

Gorbachev (sucessor de Brejnev) implantou medidas conhecidas como Perestroika e Glasnost – uma jogada estratégica que diferia aos moldes dos ideais socialistas.

Em 1989, as manifestações em Berlim já eram incontroláveis. A revolta por parte de uma população extremamente insatisfeita com a situação que se agravava cada vez mais era somada a um governo saturado pelas tentativas fracassadas de repressão às mesmas, ainda assim, "contudo e apesar das evidências, ninguém ousava dizer o indizível: a URSS estava prestes a desaparecer" (REIS FILHO, 2002, p. 175). Decorrente disso, a queda do principal alicerce da União Soviética foi inevitável. O Muro de Berlim vinha a desmoronar. Não levou muito tempo para que não só os ocupantes da Zona Soviética mas também o restante do mundo percebesse que a URSS engatinhava para seu fim.

O conceito de socialismo de Marx não passara de 1991, onde a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas chegava ao fim, levando consigo marcas do maior conflito ideológico.

Do arame ao cimento: a crítica e representação da *Folha de São Paulo* sobre a construção do Muro de Berlim

O fracasso na reunião das quatro potências em Paris no ano de 1960 deixou Khrushchóv desesperançoso em relação a seus opositores e suas intenções. Sua nova e última esperança era o auxílio na candidatura de John F. Kennedy à frente do bloco opositor, pois acreditava que, pelo fato do candidato ser inexperiente e com ideais diferentes de seus antigos representantes, as relações entre os Estados Unidos e a União Soviética partiriam daquela para melhor. O problema de Berlim precisava ser resolvido em 1961.

O Kremlin esperava estabelecer finalmente sua proposta de governo de coexistência pacífica, pois acreditava que, assim como ele, John não obtinha interesses ligados a confrontos militares e armamentistas. O socialista apressado precisava ter paciência caso não quisesse desencadear uma guerra da qual sairia em desvantagens.

Momentos antes do fim da campanha de Kennedy, Khrushchóv decidiu acompanhar os fatos mais de perto: viajou para Nova Iorque, a bordo do *Baltika* – navio alemão que os soviéticos conquistaram na Segunda Guerra –, a fim de se fazer presente na posse do novo presidente americano tentando, assim, conquistar a simpatia do mesmo.

Assim que Kennedy assumiu a liderança dos EUA e se tornava o novo opositor do premiê, imediatamente o Kremlin enviou, como forma de agrado, dois pilotos de caças aéreos

que foram aprisionados em Berlim após serem apreendidos por meio de espionagem. O presidente, como esperado, cedia às boas ações do camarada socialista. A relação amigável, porém, tinha seus dias contados... Não demorou muito para que Khrushchóv exigisse uma reunião às pressas com o novo presidente para tratar do impasse entre as duas potências: Berlim.

Inúmeros foram os acontecimentos que ocorreram antes da Cúpula em Viena que mudaram totalmente o foco da primeira reunião entre o líder socialista e o capitalista. Um exemplo disso foi o fracasso da Baía dos Porcos, em que os EUA obtiveram grande fracasso - para felicidade socialista. As desavenças partidárias e até mesmo o grande primeiro erro em relação aos socialistas iniciaram através do primeiro telegrama de Thompson. O premiê já se encontrara impaciente para resolver quaisquer situações que fugissem de seu interesse por conta do descaso do presidente sobre seu encontro.

A situação de Berlim se agravava cada vez mais e Khrushchóv continuava a dizer que tomaria medidas assim que se encontrasse com Kennedy. O número de refugiados orientais que cruzavam a fronteira diariamente crescia de forma desenfreada e, de alguma forma, o premiê não se preocupava tanto com isso. Ulbricht acreditava que a solução mais eficiente para a migração desenfreada seria o fechamento definitivo da fronteira entre os dois setores da cidade e, portanto, a pressão sobre Khrushchóv era constante.

Frederick Taylor aponta que:

Em junho de 1961, 19.198 refugiados (aproximadamente 630 por dia) foram registrados no centro de triagem de Marienfeld. Em julho, o total chegava a 30.444 (mil por dia), o mais elevado desde 1953. Nos dias 2 e 3 de agosto, 1322 refugiados chegaram a Marienfeld; a 3-4 de agosto, 1.100; a 4-5 de agosto, 1.155; e a 5-6 de agosto, 1.283. No fim de semana de 6-7 de agosto, 3.268 pessoas deixaram a Alemanha Oriental rumo a Berlim Ocidental. O total do dia seguinte foi de 1.741 (TAYLOR, 2009, p. 192).

Os dados eram definitivamente alarmantes e Khrushchóv não vira outra saída. As fronteiras de Berlim precisavam ser fechadas imediatamente ou a RDA se tornaria auto insuficiente. Dado o sinal verde aos planos de Ulbricht, Eirck Honecker tomou providências imediatas. A operação extremamente secreta – que recebera o codinome de "Operação Rosa" – tinha como objetivo mobilizar membros escolhidos a dedo para executar o fechamento da fronteira de Berlim Oriental que se daria no domingo de 13 de agosto.

A Alemanha comunista decidiu, conforme foi apurado ontem em círculos autorizados na zona oriental alemã, proibir as viagens de cidadãos do setor oriental para o ocidental e vice-versa.

A decisão, para evitar o contínuo e crescente êxodo de habitantes da zona comunista para o lado ocidental deverá [...] ser anunciada oficialmente pelas autoridades da República Democrática Alemã dentro das próximas horas (FOLHA DE SÃO PAULO, 12/08/1961, capa).

Na manhã do 13 de agosto, milhares de berlinenses às primeiras horas do dia se depararam com o resultado do êxito oriental obtido na Operação Rosa. A operação sigilosa fora tão bem sucedida que até mesmo os setores ocidental, francês e britânico da cidade foram surpreendidos. As fronteiras de Berlim foram, de fato, fechadas até segunda ordem e, os berlinenses só haveriam de cruzá-la por via aérea. O arame farpado estendido a partir do Portão de Brandemburgo por todo o entorno da divisa entre os setores berlinenses denotava a ideia da divisão política, econômica e social mundial. O Muro de Berlim fora, de fato, o maior símbolo da Guerra Fria.

"Cortina de Ferro" isola zona comunista de Berlim: O governo da República Democrática Alemã fechou na noite de sábado para domingo a fronteira entre Berlim Oriental e Berlim Ocidental e desde ontem de manhã uma cortina de ferro isolou hermeticamente o setor comunista do setor ocidental da ex-capital alemã [...]. Cercas de arame farpado e barricadas foram levantadas na madrugada de ontem para delimitar a nova fronteira (FOLHA DE SÃO PAULO, 14/08/1961, p. 2).

Passada a surpresa oriental, o cenário mudou. Ao tomar consciência da magnitude dos fatos, o clima de tensões era facilmente perceptível. As manifestações na RDA já eram evidentes e ganhavam popularidade. A população berlinense estava profundamente insatisfeita e repudiada às medidas tomadas pelo governo socialista, que teve de tomar medidas imediatas com o intuito de repreender as mesmas. A despeito disso, a Folha também fez uma nota, ainda no mesmo dia (14):

Durante o dia, as autoridades da Alemanha Comunista haviam posto a sua própria capital praticamente em pé de guerra, ao mobilizar, dentro de seu perímetro, fortes contingentes armados com tanques soviéticos, bombas lacrimogêneas e mangueiras de água.

As medidas militares de precaução têm por objetivo impedir que possa surgir uma revolta entre os elementos anticomunistas que circularam ontem pedindo que se voltem a abrir as rotas de fuga a Berlim Ocidental (FOLHA DE SÃO PAULO, 14/08/1961, p. 2).

Após a vergonha no agosto de 1961, onde os norte-americanos se sentiram incapacitados e desprovidos de estratégias que pudessem ser tomadas sem que o conflito rumasse diretamente para uma disputa a níveis nucleares, agora precisavam mostrar aos russos e ao próprio povo ocidental que a *pax americana* ainda era eminente no conflito. Decidiram, então, mostrar a

grandeza de seu poder bélico-militar sobre os soviéticos direcionando tanques de guerra às extremidades da fronteira. Não obstante, os soviéticos responderam à altura: seus dirigentes, de imediato, enviaram militares munidos de armamento de guerra para fazer frente ao seu lado da fronteira. A URSS mostrava-se, novamente, como uma concorrente com grande capacidade de ascender mundialmente como uma potência hegemônica.

Como já lhe apresentara fotos do exército de Clay na floresta, onde tanques derrubaram uma réplica do Muro, achava que o premiê tinha de levar a sério a possibilidade de os americanos tentarem invalidar o sucesso soviético. Khrushchóv, que administrara a crise pessoalmente, apesar do Congresso do Partido, já havia ordenado que mais de 23 tanques rumassem para Berlim (KEMPE, 2013, p. 465).

Os EUA não chegaram à medida extrema em vão. As tentativas de negociação com os orientais eram falhas. A RDA não estava adepta a quaisquer conversações a respeito do Muro pois acreditava que essa era a única maneira de controlar o fluxo de desertores e não voltaria atrás em sua decisão. As fronteiras ainda permaneceriam fechadas até que se dissesse o contrário. Do outro lado do concreto, os ocidentais insistiam em seu fim pois, ao enfraquecer o socialismo de Berlim, poderiam finalmente assumir o território na Europa e assim conquistar novamente seu triunfo aos olhos mundiais.

Os Estados Unidos exigiram da URSS que restabeleça o livre acesso dos aliados a Berlim Oriental ou encare a possibilidade de que não se iniciem negociações sobre a ex-capital alemã. A URSS rejeitou imediatamente a exigência, reabrindo o "impasse" sobre Berlim (FOLHA DE SÃO PAULO, 27/10/1961, p. 2).

O socialismo de arame farpado nunca poderia dar certo. Por outro lado, cabe perguntar: e se Khrushchóv deixasse os portões de Brandemburgo abertos, restaria alguém para apagar a luz?

Cortina de Fumaça: a repercussão da queda do Muro de Berlim pelo Jornal do Brasil

A magra margem de vitória da União das Republicas Socialistas Soviéticas engatinhava-se ao fim. A mesma se encontrava dentro de uma grave crise interna, tanto política quanto econômica e, sobretudo, social. A década de 1980 vinha sendo a pior para os soviéticos, que não obtiveram mais o alcance esperado para a corrida ideológica. A explicação para a decadência era óbvia: uma economia que não conseguira suprir suas próprias necessidades e ainda tentara competir tecnologicamente com seu opositor.

A situação em Berlim era ainda mais complicada. A ênfase da insatisfação e dos manifestos se concentrava na República Democrática Alemã, que passava por uma grave crise

econômica interna que acarretava na falta de mantimentos básicos para uma população naquelas estatísticas numéricas.

Em 1989, as manifestações saíram, definitivamente, do controle. Um grande número de alemães orientais tentava migrar a qualquer custo para o Ocidente. No início de setembro, as fronteiras da RDA com a Tchecoslováquia foram reabertas e a migração rumo ao Ocidente foi desenfreada.

Alemães tentam em Praga fuga para o Ocidente: Mais de 1.200 alemães-orientais lotaram a Embaixada da Alemanha Ocidental, em Praga, em busca de vistos de emigração. O governo da Alemanha Oriental reabriu na quarta-feira a fronteira com a Tchecoslováquia, depois de mantê-la fechada desde 3 de outubro para evitar a saída em massa (JORNAL DO BRASIL, 3/11/1989, capa).

As manifestações sociais foram extremamente intensas na primeira semana de setembro. O regime socialista estava por um fio. Apesar das tentativas desesperadas de Gorbachev a fim de reforçar o regime frente às camadas sociais com a *Perestroika* e a *Glasnost*. As estratégias constituíam em “reconstrução” e “transparência”, onde procuravam estabelecer decisões das quais o povo oriental pudesse influenciar na atuação do Estado. Sem deixar para trás seu lado conservador, os soviéticos procuravam reconquistar seus adeptos através de manipulações totalitárias. Diferiam dos aspectos antecedentes que consistam em usar o regime ditatorial para sua nova reconquista perante os parâmetros mundiais. Apesar disso, os planos vinham muito a tardar. Os orientais já estavam extremamente saturados do regime soviético, nada faria a decisão do povo mudar e nem mesmo drásticas mudanças no sistema que era considerado imutável.

Uma vez fracassadas tais tentativas, foi aberto um rol de rompimentos de diversos países pertencentes à Zona Soviética com a mesma que, mais tarde, fundaram a Comunidade dos Estados Independentes. O Socialismo já não servia como modelo. A sociedade ansiava por seu fim.

Pedindo por eleições livres, maior liberdade econômica e de expressão, melhor qualidade de vida e outros diversos fatores que não eram disponibilizados pelos russos, milhares de soviéticos foram às ruas, afinal, armamentos não constituíam em um povo mas sim em uma guerra armada do qual a URSS dizia jamais iniciar. No caso do lado oriental de Berlim, ainda reivindicavam pelo fim do Muro e, conseqüentemente, do bloqueio entre as fronteiras da cidade por via terrestre.

Mais de 1 milhão de pessoas saíram às ruas de Berlim Oriental exigindo

democracia, na maior manifestação da história do país e uma das maiores de todo o Leste europeu. [...] "Chega da ditadura do PC" e "Viva a liberdade de expressão" eram algumas das reivindicações impressas nas faixas (JORNAL DO BRASIL, 5/11/1989, capa).

O Kremlin não teve outra opção a não ser aderir pouco a pouco às reivindicações sociais. Aos poucos, as fronteiras eram liberadas. Viagens vinham sendo permitidas entre um setor e outro de Berlim.

Mas então, qual seria o futuro do saudoso Muro de Khrushchóv? Outrora construído com o intuito de impedir a fuga e emigração em massa, a 9 de novembro de 1989, o Muro de Berlim era derrubado pelo mesmo motivo. Em uma coletiva de imprensa transmitido a toda a Alemanha Oriental, percorrida por Günter Schabowski, foi anunciado que qualquer cidadão poderia novamente transitar entre ambas as partes de Berlim. Porém, a medida só entrava em vigor em outra data – o que Schabowski não sabia. Considerado por muitos como um grave equívoco, foi dito que os berlinenses estavam livres de imediato. Os soldados que patrulhavam a fronteira, desorientados, não conseguiram conter a grande aglomeração que se formava confronto aos portões e acabaram liberando a passagem.

Com decisão do governo alemão oriental, termina uma era. "As viagens para fora do país poderão feitas por todos os postos fronteiriços entre nosso país e a Alemanha Ocidental ou outros vizinhos", anunciou Günter Schabowski, novo dirigente reformista da Alemanha Oriental. Embora o Muro de Berlim, a marca geográfica mais grotescamente poderosa com que o mundo aprendeu a conviver nesta segunda metade de século, permaneça intacto, na prática perdeu todo seu significado (JORNAL DO BRASIL, 10/11/1989, capa).

O Muro, então, desmoronara. O maior símbolo da Guerra Fria, a hipocrisia do século. Em uma nova forma de manifesto, no dia 10 de novembro, os cidadãos de Berlim deram ao Muro seu merecido fim. Picaretas, machados, barras de ferro e quaisquer outros meio de depredação foram utilizados para fazer o divisor ir ao chão.

Os dirigentes e estrategistas da URSS se viam em colapso com o seu maior plano estrutural indo ao chão. Sentiam-se tão impotentes quanto os norte-americanos após a construção. O ponto crucial da situação era que caso não houvesse uma medida para apaziguar a fúria do povo oriental, hora ou outra a divisão acabaria. Os soviéticos transformaram a sua medida imediata - construção do Muro – em seu próprio fim.

A queda do muro de Berlim, em novembro de 1989, é considerado o símbolo máximo do final da Guerra fria, embora essa tenha se extinguido oficialmente com a desintegração da URSS em 1991 (QUINSANI; GONZAGA, 2009, p. 174).

A repercussão da queda atingira todos os continentes do mundo, principalmente aos que uma vez foram aliados da União das Republicas Socialistas Soviéticas. A mesma se via enfraquecida perante o cenário global e drasticamente diminuída diante aos Estados Unidos da América. A tensão se tornava maior no ano seguinte, quando a Alemanha fora reunificada e a URSS perdia seu maior eixo de competição. Berlim desenvolveu um papel de extrema importância para o cenário da guerra e a crise na mesma vinha se agravando mesmo antes de sua construção, foi onde duas super potências mostravam seu valor e tentavam conquistar o restante do mundo. Não houvera outro palco central e local mais perigoso que a capital Alemã durante o conflito. A disputa que jamais fora encerrada com um acordo, mas sim por meio de forças em que acarretava na perda de um dos lados e, conseqüentemente, em seu fim.

Muro da vergonha vira brinquedo: Numa espécie de estado de choque, embriagados da liberdade súbita e mal acreditando na surpresa de ter hoje o que parecia fora de alcance para muitas gerações ainda, os alemães continuaram a comemorar ontem a derrogação do Muro de Berlim e o fim da proibição de ir e vir entre as duas partes da nação. "Foi o dia mais feliz da história dos alemães", comemorou o prefeito de Berlim Ocidental, Walter Momper (JORNAL DO BRASIL, 11/11/1989, capa).

Além da reunificação alemã, a queda do Muro de Berlim agravou a situação soviética ao ponto de, em 1991, a URSS teve de realizar um Referendo para discutir o futuro da mesma. A votação concordou em que mudanças deveriam ser tomadas para que o futuro da potência fosse garantido mesmo após a possível perda da Guerra. Dessa forma Gorbachev se via em maus lençóis e não encontrava outra maneira a não ser reajustar os parâmetros do governo, tendo que deixar para trás seu conservadorismo.

Nada mais salvaria a União Soviética de seus problemas, Gorbachev renunciara seu cargo em 25 de dezembro de 1991. Ninguém acreditara no que estava prestes a acontecer: a União das Republicas Socialistas Soviéticas chegara a seu fim. O verdadeiro socialismo morreria. Aquela que, outrora, fora nomeada como Cortina de Ferro passava a ser conhecida como Cortina de Fumaça.

Considerações finais

O Muro de Berlim, como símbolo maior da Guerra Fria, marcou o início das tensões entre as duas superpotências, da mesma forma com que marcou o fim das mesmas. Sua repercussão foi mundial em todas as formas e meios de comunicação. O Brasil, por sua vez, não esteve alheio aos fatos. Mantendo relações de interesses diplomáticos com ambas as potências, os periódicos brasileiros se manifestaram de diversas formas. Tais divergências podem ser vistas, por exemplo, nos jornais analisados. A Folha de São Paulo, em relação à construção do Muro de

Berlim e às vésperas do reatamento das relações brasileiras com a União Soviética, se manteve menos tendenciosa, exprimindo os fatos como mera fonte de informação, porém, um pequeno ponto da influência capitalista. O Jornal do Brasil, por sua vez, expressou explicitamente a sua visão capital-hegemônica através dos artigos publicados, deixando evidente a sua afeição à posição dos Estados Unidos da América no confronto.

A análise crítica dos jornais, como esperado, correspondeu, mesmo que parcialmente, à hipótese: dentre os periódicos, a influência capitalista, subentendida ou explicitamente, se fez presente nos dois casos, denotando a verdadeira *pax americana* por trás do cenário conturbado da Guerra Fria.

O palco central entre capitalismo e socialismo, nascido no berço do apogeu soviético influenciou o mundo inteiro, marcando o ponto principal do conflito: a disputa pela ascensão e domínio da economia mundial. O concreto, que não só criou atritos mas também a dissolução de uma superpotência, foi responsável pelo término da Guerra Fria.

Fontes primárias

Folha de São Paulo – Acervo online da Folha de São Paulo Jornal do Brasil – Hemeroteca Digital

Referências bibliográficas

CHOMSKY, Noam. Armas Estratégicas, Guerra Fria e Terceiro Mundo. In: THOMPSON, Edward (org.). **Exterminismo e Guerra Fria**. São Paulo: Brasiliense: 1985.

_____. **Rumo a uma nova guerra fria**: Política Externa dos EUA, do Vietnã a Reagan. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GONÇALVES, Williams. Relações Internacionais: um balanço teórico-histórico. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. **O Século Sombrio**: uma História Geral do Século XX. Rio de Janeiro: Campus, 2004, p. 39-42.

HALLIDAY, Fred. **Repensando as relações internacionais**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2007.

KEMPE, Frederick. **Berlim: 1961**: Kennedy, Kruschóv e o lugar mais perigoso do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

MUNHOZ, Sidnei. Guerra Fria: um debate interpretativo. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **O Século Sombrio**: uma História Geral do Século XX. Rio de Janeiro: campus, 2004, p. 261-281.

QUINSANI, Rafael Hansen; GONZAGA, Sandro. A Vida dos Outros e de Todos Nós: a divisão cinematográfica da República Democrática Alemã ou o dia em que o big brother se afeioou ao little brother. In. GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; DOMINGOS, Charles

Sidarta Machado; BECK, José Orestes; QUINSANI, Rafael Hansen. (Orgs.). **A Prova dos 9: A História Contemporânea do Cinema**. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2009, p. 165-188.

REIS FILHO, Daniel Aarão. Crise e desagregação do socialismo. In. REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. (Orgs.). **O Século XX: O tempo das dúvidas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 163-183.

TAYLOR, Frederick: **Muro de Berlim: um mundo dividido 1961-1989**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

VIZENTINI, Paulo G. Gagundes. A Guerra Fria. In. REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. (Orgs.). **O Século XX: O tempo das crises**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 197-225.